

# Este texto me representa: uma proposta de ensino de leitura e escrita de textos em redes sociais

CARMO Maria Marta do<sup>1</sup>

## **Resumo:**

*Na busca por novos paradigmas de ensino que contemplem as demandas de uma sociedade cada vez mais interligada por meio da mídia, o presente trabalho apresenta uma proposta de ensino de leitura e escrita em redes sociais. Em aplicação com adolescentes e jovens de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte, o projeto tem como objetivo geral o desenvolvimento nos estudantes de capacidades linguísticas e atitudinais necessárias para a leitura e a escrita em ambientes midiáticos, sobretudo na rede social Facebook. O público-alvo é constituído por alunos que, tendo um passado de experiências negativas com a instituição escolar, apresentam um comportamento de rejeição às propostas pedagógicas mais tradicionais, requerendo dos profissionais de ensino a busca de novos modelos de ensino-aprendizagem. Tais alunos embora sejam vistos pelos professores, de modo geral, como avessos às práticas de leitura e escrita, estão frequentemente, e muitas das vezes de forma furtiva durante as aulas, em interação com mensagens que chegam a todo tempo por meio de aparelhos eletrônicos. A proposta tem como eixo principal a análise de discursos que circularam nas redes sociais, iniciando com o estudo dos cartazes das manifestações no Brasil no ano de 2013. Pretende-se assim habilitar os estudantes para as práticas de leitura e escrita nas quais já se encontram inseridos sem, no entanto, demonstrarem possuir as habilidades necessárias para tal, considerando as implicações inerentes à autoria em redes sociais, como a aceitabilidade aos discursos e o respeito às diferenças, por exemplo. Acredita-se que, dessa forma, o trabalho possa contribuir para a discussão de uma questão relevante para o ensino na atualidade, que é o de como encontrar alternativas para a criação de um currículo que contemple o letramento digital, tão necessário para os estudantes da modernidade.*

**Palavras-chave:** Linguística – ensino - leitura – escrita - redes

## **1 Introdução**

A sociedade atual experimenta profundas mudanças no campo científico e tecnológico. Essas transformações originam-se de novas perspectivas e refletem novos comportamentos e relações que se estabelecem socialmente. Verifica-se um círculo de causa e efeito: na segunda metade do século XX, a internet, por exemplo, revolucionou as práticas sociais de leitura e, em consequência, surgiram novas possibilidades de letramento. É crescente a utilização de práticas desses novos letramentos por parte dos estudantes da contemporaneidade. São inúmeras as situações em que os aprendizes são desafiados a ler, interpretar e interagir com mensagens escritas que chegam a todo o momento por meio de celulares, *tablets*, *netbooks* e outros instrumentos tecnológicos.

No entanto, e apesar de que tal realidade tenha se tornado aparentemente comum entre os alunos, não se pode deixar de perceber que nem todos se apresentam habilitados para o exercício efetivo da leitura e da escrita utilizando os suportes não convencionais. Por suportes não

convencionais, entendemos os *sites* de relacionamento, *blogs* e redes sociais que são continuamente acessados por boa parte dos estudantes da atualidade e nos quais eles estão sempre em contato com o texto escrito tanto para a leitura de mensagens diversas quanto para escrita interativa com os mesmos. Nessa perspectiva, e embora os alunos demonstrem algum domínio de habilidades técnicas que os possibilitam um rápido e eficiente manejo das máquinas, nota-se que ainda precisam desenvolver conhecimentos linguísticos e sociais voltados ao ato de ler e escrever. Na verdade, para que nos tornemos, de fato, leitores e escritores proficientes no mundo digital é preciso entender que, para além das capacidades técnicas, é preciso desenvolver também outras habilidades que estão situadas para além do campo linguístico e semântico dos textos que circulam socialmente:

Precisamos dominar a tecnologia da informação, estou me referindo aos computadores, softwares, Internet, correio eletrônico, serviços, etc., que vão muito além de aprender a digitar, conhecer o significado de cada tecla do teclado ou usar o mouse. Precisamos dominar a tecnologia para que, além de buscarmos a informação, sejamos capazes de extrair conhecimento (COSCARELLI, 2011, p.17).

Sem dúvida a escola precisa se adaptar aos novos tempos e oferecer aos estudantes da modernidade um ensino que esteja adequado às demandas surgidas com as novas formas de interação por meio da escrita. Considerando que esses sujeitos encontram-se em fase de formação, tanto das capacidades cognitivas quanto das capacidades atitudinais, cabe a nós, educadores, questionarmos qual o papel da escola neste novo ambiente de ensino-aprendizagem. Para buscar respostas a essa importante questão, assumimos a noção de letramento digital tal como postula Soares (2002, p. 151): “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição do letramento dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel”.

Diante do atual cenário, e nisso insistimos, a escola precisa se abrir aos ventos de conhecimentos inovadores sob pena de condenar os alunos ao enclausuramento e à asfixia intelectual. Dell’Isola (2002) aponta a importância de se considerar esses novos ambientes de aprendizagem, incentivando os professores a encararem a nova realidade e agirem em prol do desenvolvimento de métodos inovadores que contribuam para o bom aproveitamento das novas tecnologias no processo educacional. A autora enfatiza que é urgente que se desenvolvam projetos de ensino voltados para a capacitação dos alunos visando uma melhor utilização dos ambientes de escrita midiáticos. Cabe, portanto, aos professores da atualidade se apropriarem de formas de ensino mais condizentes com as condições sociais nas quais a escola se encontra inserida, uma vez que as práticas adotadas, via de regra, se encontram defasadas diante da configuração da sociedade contemporânea:

(...) as práticas didáticas de leitura no letramento escolar não desenvolvem senão uma pequena parcela das capacidades envolvidas nas práticas letradas exigidas pela sociedade abrangente: aquelas que interessam à leitura para o estudo na escola, entendido como um processo de repetir, de revozejar falas e textos de autor(idade) – escolar, científica – que devem ser entendidos e memorizados para que o currículo se cumpra. (ROJO, 2004, p.01).

Dessa maneira, e a despeito das mudanças sociais se apresentarem de forma contundente, obrigando o sujeito ao uso de novas formas de lidar com a leitura e com a escrita, a escola tem se mostrado incapaz de acompanhar a evolução tecnológica e social. O perceptível despreparo da escola resulta em uma incapacidade de trabalhar os conhecimentos necessários nos novos tipos de letramentos surgidos, tornando os alunos, em contrapartida, pouco preparados para desempenhar as tarefas nas quais já se encontram inseridos. As implicações dessa dicotomia são graves e se refletem nos comportamentos adotados pelos adolescentes e jovens, como por exemplo, na recusa em fazer uma leitura mais crítica dos novos gêneros sociais e em uma postura inconseqüente diante das responsabilidades que são inerentes à escrita em ambientes sociais. O despreparo de boa parte dos estudantes diante da autoria de textos na Internet fica estampado nas diversas notícias que nos chegam dando conta de adolescentes e jovens que, diante da repercussão de uma postagem feita de forma displicente, são surpreendidos por consequências desastrosas, muitas vezes chegando mesmo a atentados a própria vida<sup>1</sup>.

Conforme afirma Dell’Isola (2007, p. 25), “os alunos devem se preparar para compreender a dinâmica dos gêneros que circulam na sociedade e estarem aptos a interagir com a escrita a que estão familiarizados e com a que não lhes é familiar, dada a dinamicidade do discurso”. Essa compreensão envolve iniciativas didáticas que conduzam os estudantes a agirem no mundo. Cumpre aos educadores questionar como desenvolver as habilidades necessárias para que os estudantes possam atuar no meio midiático com eficiência, criticidade e responsabilidade. Como habilitá-los para o exercício da interação, considerando as questões que dizem respeito às especificidades linguísticas como também as considerações de ordem social, tais como a adequação dos discursos, a pertinência, a aceitabilidade, o respeito às diferenças e tantas outras suscitadas com o advento dos textos digitais? Preocupada com essa questão, proponho um projeto de trabalho

---

<sup>1</sup> No dia 24 de fevereiro de 2014, a *Agência FioCruz de Notícias*, publicou uma matéria intitulada *Cyberbullying e casos de suicídios aumentam entre os jovens*, na qual se propõe uma reflexão sobre as sérias implicações do mau uso das redes sociais por parte de adolescentes e jovens. O jornal *Correio da Manhã*, na edição de 21 de abril de 2014, sob o título *Insultos em rede social levam ao suicídio*, traz a história de uma adolescente britânica, de 14 anos, que se suicida após receber mensagens pejorativas que a incentivavam a se matar. Também a revista *Veja*, em 16 de outubro de 2010, estampou a notícia da garota canadense, Amanda Todd, que se matou após receber em sua conta na rede social *Facebook*, durante dois anos, mensagens de colegas que zombavam e recriminavam-na todos os dias. Amanda lutou bravamente, mudou-se de escola várias vezes e chegou a gravar um vídeo que foi postado no canal virtual *Youtube* e no qual contava a sua história. E os exemplos não se esgotam aqui.

voltado para a busca de alternativas de ensino que valorizem as formas de interação via Internet, em particular o *Facebook*, que têm se tornado cada vez mais significativas para os estudantes na atualidade. O perfil dos alunos com os quais trabalhamos nos motivou a centrar o tema do projeto em módulos de ensino que tomam os textos que circulam em redes sociais como objeto de ensino.

### **1.1 O perfil do público-alvo**

O presente trabalho está sendo desenvolvido em uma turma de cerca de 20 alunos da fase de certificação do ensino fundamental na modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos - no período noturno de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte. Trata-se de uma turma composta predominante por adolescentes e jovens na faixa dos 15 aos 23 anos oriundos de turmas do 8º e 9º anos da rede estadual de ensino. Esses estudantes são marcados por uma forte rejeição à instituição escolar. Praticamente todos já experimentaram a reprovação em um ou mais anos da vida estudantil. Consideram as aulas, de maneira geral, como sendo “chatas” e pouco atrativas. Quanto às aulas de Língua Portuguesa, revelam a mesma rejeição, sinalizando com a indiferença ou a indisciplina diante de propostas de ensino tradicionais.

Embora se digam contrários à leitura de textos escolarizados estão, frequentemente, envolvidos em atividades de leitura utilizando, principalmente, aparelhos celulares. Em muitas ocasiões os professores reclamam do uso desses aparelhos durante as aulas e estudam que medidas tomar para coibir o uso deles. Entretanto, pouco tem adiantado a proibição desses equipamentos em sala, pois os alunos descumprem todos os regulamentos que tentam impedir seu acesso aos mesmos.

Diante desse perfil do público-alvo, e considerando que seria contraprodutivo contrariar os interesses e demandas dos estudantes, fomos levados a criar um projeto que atendesse às necessidades de aprimoramento de capacidades e habilidades importantes no ensino fundamental. Neste artigo nos propomos a apresentar e discutir algumas ideias que subsidiam o nosso projeto. Tal proposta é parte da dissertação de mestrado que será apresentada ao ProfLetras – Programa de Mestrado Profissional do qual fazemos parte - no ano de 2015 e está sendo orientado pela Professora Dra. Regina Péret Dell’Isola.

### **1.2 Um novo paradigma para o ato de ler e escrever**

Embora seja frequente a queixa dos professores de que os estudantes não apreciem a leitura, o que se percebe, na prática, é que esses estão cada vez mais inseridos nas práticas de leitura que emergiram com o surgimento da Internet. Para Prensky (2001), essa seria a geração dos nativos digitais. Por nativos digitais, o autor entende a geração pós anos 80, que cresceu em meio à

tecnologia digital, utilizando todo tempo computadores, videogames, tocadores de música digitais, câmeras fotográficas, vídeos, aparelhos celulares e outros instrumentos tecnológicos. Imersos numa sociedade altamente letrada tecnologicamente, tais estudantes são os sujeitos das interações que se processam na chamada “Sociedade da Informação”, segundo nos ensina Gouveia e Gaio (2004): “Sociedade que recorre predominante às tecnologias da informação e comunicação para a troca de informação em formato digital, suportando a interação entre indivíduos e entre estes e instituições, recorrendo a práticas e métodos em construção permanente”.

Nesse ambiente potencializador de trocas de textos, ocorre muitas vezes a diluição das implicações que perpassam o ato da leitura e da escrita. Os limites daquilo que pode ser escrito em ambientes públicos, muitas vezes, são pouco percebidos pelos jovens estudantes, insensíveis às responsabilidades que um autor assume quando decide tornar público o seu texto. Quando um estudante se vale de uma página da Internet para socializar um pensamento próprio, muitas vezes, ele não se dá conta da proporção que este ato pode tomar, uma vez que, potencialmente, o número de pessoas que pode ter acesso ao seu texto se torna muito grande. Em questão de segundos, uma foto ou um comentário pode se propagar de forma quase inimaginável. Tal realidade obriga cada usuário da rede a desenvolver posturas e atitudes condizentes com as possibilidades e os riscos com os quais se deparam diante dessas novas formas de convivência humana:

(...) novas formas de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada ( LÉVY, 2004, p.27).

Por tudo isso, faz-se importante estudar as implicações do texto digital nas práticas da leitura e de escrita dos estudantes, bem como apresentar aos mesmos projetos que os auxiliem a desenvolver habilidades que possam torná-los mais capazes de atuar enquanto leitores e produtores textuais. Nesse sentido, Coscarelli (2011, p. 39) enfatiza que as práticas de letramento digital só irão fazer sentido para os aprendizes na medida em que o processo de ensino “representar uma mudança na vida escolar, é preciso que a educação seja compreendida como um processo de construção de uma saber útil e aplicável pelos alunos e não como uma realidade a parte, sem nenhum interesse e de difícil acesso na escola”.

De fato, um projeto de ensino precisa estar profundamente vinculado à vida do aluno, mostrando-se, de alguma forma, importante no seu fazer cotidiano para não se tornar apenas mais uma atividade mecanicamente escolarizada. O que se percebe é que a rejeição por parte dos alunos de propostas pedagógicas pode ser compreendida como um apontamento da desvinculação entre o

que a escola propõe e aquilo que o estudante vive. Por isso, Lopes-Rossi (2002 p.30) propõe quebrar o ensino tradicionalista, baseado apenas na escrita de temas desvinculados da realidade do estudante, “por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, à sua produção escrita e circulação social”. Entendemos que o projeto, que aqui se apresenta, se justifica diante da problemática apresentada, pois contempla, de um lado, uma demanda real dos alunos, a de estarem melhor capacitados para o exercício de práticas de leituras cada vez mais disseminadas socialmente. Por outro lado, o projeto se propõe a suprir uma carência entre os docentes que buscam modelos de alternativas de ensino que atendam esse tipo de demanda.

## **2 Desenvolvimento do Projeto “Este texto me representa”**

Recuperando uma ideia que circulou repetidamente na mídia e nas redes sociais no ano de 2013, o projeto “Este texto me representa” propõe a execução atividades que possam se tornar atraentes e significativas para os estudantes, considerando o perfil que apresentam. O trabalho se apresenta dividido em três módulos. O primeiro deles denominamos “Os discursos mudam o mundo”, o segundo é chamado de “O mundo muda os discursos” e o terceiro, “Eu mudo os discursos que mudam o mundo”.

As três etapas do projeto estão divididas conforme o tema abordado e as habilidades que se pretendem desenvolver. A primeira etapa, intitulada “**Discursos que mudam o mundo**”, tem como tema os discursos que circularam na Internet e que, de alguma forma, buscaram atingir a configuração da realidade investindo em textos que apontavam um desejo de mudança. Os cartazes de protestos dos jovens durante a manifestação tinham como objetivo inicial impedir o aumento das passagens de ônibus na cidade de São Paulo. Em seguida, repercutiram em todo o Brasil, tomando proporções inimagináveis e sendo noticiados em todo o mundo. Perceber os mecanismos de construção de tais discursos e levar os alunos a se posicionarem diante deles é tarefa de uma escola crítica e comprometida com as causas sociais presentificadas no espaço no qual se insere.

Após a realização desta primeira etapa, propomos uma inversão no olhar crítico do aluno, dentro da mesma concepção de que o texto é portador de discursos ideológicos. Nesta fase, os estudantes pesquisarão na Internet, dentre os muitos que podem ser encontrados, alguns exemplos de discursos que foram publicados em rede sociais e receberam repúdio por parte do público levando os autores a, de alguma forma, retrocederem em seus posicionamentos. As atividades, articuladas no segundo módulo, pretendem levar o aprendiz a perceber a importância de se considerar os interlocutores e de, de forma consciente, modular o discurso dentro dos limites

estabelecidos pelo meio social. Nessa perspectiva, espera-se que os alunos percebam as implicações que perpassam o ato de se escrever em redes sociais, tornando os autores mais responsáveis por seus discursos, de forma que considerem aspectos importantes como a aceitabilidade e as restrições legais da autoria virtual.

Após a realização das atividades propostas na segunda etapa do projeto, consideramos importante refletir com os estudantes as possibilidades de atuação no mundo configurado pelos diferentes discursos. Tomar posicionamentos e manter uma atitude dialógica a respeito dos mesmos é uma forma de mudar a si mesmo e ao mundo ao seu redor na busca de uma sociedade mais humana e mais tolerante com as diferenças. É também uma forma de assumir responsabilidade crítica diante de um mundo em permanente mutação. Assim, neste círculo contínuo de mudanças, os discursos tendem a se modificar sempre e o estudante percebe que ele pode fazer parte do processo de mudanças. No último módulo, propomos aos alunos a pesquisa e criação de textos que possam desenvolver o senso de responsabilidade pessoal pela autoria na Internet. O projeto culmina com a realização de um Seminário envolvendo toda a comunidade escolar e no qual o tema seja amplamente debatido.

Consideramos de suma importância ampliar o debate em torno das questões debatidas na proposta de trabalho, oportunizando os alunos a produzirem textos para circularem em um ambiente real, que é o espaço constituído por um seminário. Dessa forma, o trabalho inicia com o estudo de cartazes que circularam nas redes sociais e nas ruas de todo país e termina com a confecção de cartazes e outros gêneros textuais para serem apresentados em um evento que inclui toda a comunidade escolar. Os textos são tomados assim como discursos que, inseridos no mundo real, são produzidos com a finalidade principal de interlocução em um mundo cada vez mais interligado por discursos midiáticos e nos quais as instâncias da permanência e da mudança são continuamente acessadas por meio dos mais diferentes discursos.

## **Conclusão**

A proposta de trabalho com uma rede social nos parece uma forma eficiente de utilizar uma linguagem altamente atrativa para os nossos adolescentes e jovens. Por outro lado, há que se notar que essa é também uma maneira eficiente de cumprir nosso papel de escola enquanto espaço privilegiado para educar os alunos para práticas de leitura e escrita para as quais eles não se mostram totalmente preparados, embora se encontrem em pleno exercício das mesmas.

A divisão do projeto em três blocos distintos e, ao mesmo tempo, conexos nos pareceu uma forma eficiente de articular os conhecimentos linguísticos e atitudinais que pretendemos desenvolver com os estudantes. Apresentamos o projeto para uma avaliação crítica acreditando na

relevância do mesmo para as discussões em torno das questões que permeiam o ensino de Língua Portuguesa na atual conjuntura educacional e política em nossa sociedade. E embora deixando claro que a mudança necessária na educação desse país passa por toda uma mudança estrutural no sistema como um todo, como a adoção de política de valorização do professor e ensino em tempo integral, por exemplo, faz-se necessário ressaltar que não se pode adotar uma postura comodista de nada fazer em nome de uma visão derrotista. Cumpre, em meio às dificuldades encontradas, buscar alternativas de ensino mais eficientes:

(...) no interior das contradições que se presentificam na prática efetiva de sala de aula, poderemos buscar um espaço de atuação profissional em que se delinheie um fazer agora, na escola que temos, alguma coisa se aproxima da escola que queremos, mas que depende de determinantes externos aos limites de ação e na própria escola (GERALDI, 2003).

Conforme nos afirmou Freire (1992), é certo que a mudança virá, mas é importante pensar no que fazer na sala de aula enquanto a mudança não vem. O mínimo que podemos fazer é contribuir para acelerar os processos de mudança por meio de uma prática consciente, comprometida e coerente.

## Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2011.

DELL'ISOLLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

\_\_\_\_\_. A multimídia aplicada ao ensino de português. In: JÚDICE, Norimar (org.). **Português para estrangeiros: perspectivas de quem ensina**. Niterói: Intertexto, 2002.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**, 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOUVEIA, Luiz Manuel Borges; GAIO, Sofia. **Sociedade da informação: balanço e oportunidades**. Edições Universidade Fernando Pessoa, 2004.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora, 34. Trad. de Carlos Irineu da Costa, 2004.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté: Cabral, 2002.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2001. Disponível em: [http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20 - %20Part1.pdf](http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf). Acesso em: 26 set 2013.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.  
\_\_\_\_\_. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, vol.23, n.81, p.143-160, dez. 2002.

---

### **iAutora**

Maria Marta CARMO, Mestranda do Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS, UFMG); Orientadora de estudos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).